



CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO

LARISSA CAVALCANTE LIMA
MÔNICA MAYARA FREIRES DA SILVA
PATRICK MATEUS CORRÊA BARAÚNA

**O COTIDIANO DO PRODUTOR RURAL REPRESENTADO EM UMA
REPORTAGEM FOTOJORNALÍSTICA
REGISTRO DA VIDA DOS POVOS TRADICIONAIS QUE VIVEM NA COMUNIDADE
MISSÃO, EM TEFÉ**

MANAUS – AM
2020

**O COTIDIANO DO PRODUTOR RURAL REPRESENTADO EM UMA
REPORTAGEM FOTOJORNALISTICA**
REGISTRO DA VIDA DOS POVOS TRADICIONAIS QUE VIVEM NA COMUNIDADE
MISSÃO, EM TEFÉ

LARISSA CAVALCANTE LIMA – 372838
MÔNICA MAYARA FREIRES DA SILVA – 453653
PATRICK MATEUS CORRÊA BARAÚNA – 429500

ORIENTADORA: MSC Leila Ronize Moraes de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Ceuni-Fametro, como requisito parcial para obtenção
do título de bacharel em Jornalismo, sob a orientação
da professora M.a: Leila Ronize Moraes de Souza

MANAUS – AM
2020

FICHA CATALOGRÁFICA

LARISSA CAVALCANTE LIMA
MÔNICA MAYARA FREIRES DA SILVA
PATRICK MATEUS CORRÊA BARÚNA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

**O COTIDIANO DO PRODUTOR RURAL REPRESENTADO EM UMA
REPORTAGEM FOTOJORNALISTICA**
REGISTRO DA VIDA DOS POVOS TRADICIONAIS QUE VIVEM NA COMUNIDADE
MISSÃO, EM TEFÉ

Projeto Experimental apresentado ao Ceuni-Fametro,
como requisito parcial para obtenção do título de bacharel
em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

LEILA RONIZE MORAES DE SOUZA
Profa. M.a

HELDER RONAN DE SOUZA MOURÃO
Prof. M.e

CLEYTON RODRIGUES
Prof. M.e

Examinado em: 16/12/2020

AGRADECIMENTOS

Larissa: Agradeço a Deus por sempre me mostrar o caminho certo. Em seguida, a minha avó Maria Celina. Saudades eternas, queria que estivesse aqui. Sou grata aos meus pais Lisandra e Geoilton pelo incentivo aos estudos e pelo apoio incondicional. Ao meu irmão Leonardo pela amizade e atenção dedicadas quando sempre precisei. Agradeço ao meu namorado Hewerton por estar ao meu lado em todos os momentos. Agradeço à minha orientadora, Leila Ronize por sempre estar presente para indicar a direção correta que o trabalho deveria tomar. Também agradeço ao Ceuni- Fametro e aos seus docentes que nos incentivaram a percorrer o caminho da pesquisa científica.

Mônica: Primeiramente agradecer a Deus por ter me dado saúde, força, inteligência e paciência para superar todas as dificuldades durante este projeto. À universidade FAMETRO e ao seu corpo docente pelo o apoio recebido. À minha orientadora e mestra Leila Ronize pelo suporte, paciência e incentivos. A minha família, aos meus amigos, aos meus colegas de equipe e a todos que ajudaram direta ou indiretamente na minha formação, o meu muito OBRIGADA.

Patrick: Agradeço primeiro a Deus por ter me mantido na trilha certa durante este projeto de pesquisa com saúde e forças para chegar até o final. Sou grato à minha família pelo apoio que sempre me deram durante toda a minha vida. Mas em especial a minha querida mãe, Márcia Corrêa Frazão, que sempre foi meu maior exemplo nesta vida de esforço e dedicação. Deixo um agradecimento especial à minha orientadora Leila Ronize pelo incentivo e pela dedicação do seu escasso tempo ao nosso projeto de pesquisa. As minhas colegas deste projeto Larissa Lima e Mônica Freires pelas trocas de ideias e ajuda mútua. Juntos conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos. Também quero agradecer ao Centro Universitário FAMETRO e a todos os professores do meu curso pela elevada qualidade do ensino oferecido.

RESUMO

Neste produto, mostramos as dificuldades enfrentadas pelos povos tradicionais que vivem na Comunidade da Missão, em Tefé – AM. Localizada nas margens direita da foz do Rio Tefé, a falta de políticas públicas específicas como acesso à saúde e educação, são algumas das problemáticas enfrentadas por este corpo social. O estudo exploratório foi baseado nas características presentes em fotojornalismo, como fundamentos bibliográficos e em especial para a fotografia jornalística que contribuem para humanizar o cotidiano retratado.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade da missão; fotojornalismo; Tefé;

ABSTRACT

In this product, we show the difficulties faced by the traditional peoples who live in the Mission Community, in Tefé - AM. Located on the right banks of the mouth of the River Tefé, the lack of specific public policies such as access to health and education are some of the problems faced by this social body. The exploratory study was based on the characteristics present in photojournalism, such as bibliographic foundations and especially for journalistic photography that contribute to humanize the daily life portrayed.

KEYWORDS: Mission community; photojournalism; Tefé.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
CAPÍTULO 1	12
O REGISTRO SOCIAL PELAS LENTES DA CÂMERA FOTOGRÁFICA	12
1.1 História da Fotografia.....	12
1.2. A linguagem do Fotojornalismo	16
1.3 Técnicas presentes no fotojornalismo.....	21
1.3 Os gêneros do Fotojornalismo	26
CAPÍTULO 2	31
REPORTAGEM FOTOGRÁFICA NO JORNALISMO INVESTIGATIVO E A ÉTICA PROFISSIONAL	31
2.1 Ética e a fotografia.....	31
2.2 Entendendo as diferenças do Jornalismo Investigativo	32
2.2 O Jornalismo Investigativo e a ética profissional	37
RELATÓRIO TÉCNICO	42
MEMORIAL DESCRITIVO	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
GLOSSÁRIO	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Cronograma da relação de data e atividades realizadas.....	44
--	----

INTRODUÇÃO

Neste projeto objetivamos compreender o cotidiano dos povos tradicionais afastados, e mostrar através de fotojornalismo um grupo culturalmente diferenciado e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica.

Num país e estado tão diversos em sua composição étnica, racial e cultural, é um grande desafio assegurar direitos para promoção do bem-estar social da população, sobretudo dos povos e comunidades tradicionais. Sabemos que boa parte dessas comunidades se encontra ainda na invisibilidade, silenciada por pressões econômicas, fundiárias, processos de discriminação e exclusão social. Esses grupos se organizam de forma distinta, ocupando e utilizando territórios e recursos naturais para manter sua cultura, no que diz respeito à organização social quanto à religião, economia e ancestralidade.

O Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) preside desde 2007 a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais (CNPCT), criada por meio do Decreto de 27 de dezembro de 2004 e reformulada pelo Decreto de 13 de julho de 2006. Fruto dos trabalhos da CNPCT, foi instituída, por meio do Decreto 6.040 de 7 de fevereiro de 2017, a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). A PNPCT foi criada em um contexto de busca de reconhecimento e preservação de outras formas de organização social por parte do Estado.

De acordo com essa Política, Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs) são definidos como: “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”. Entre os PCTs do Brasil, estão os povos indígenas, os quilombolas, as comunidades tradicionais de matriz africana ou de terreiro, os extrativistas, os ribeirinhos, os caboclos, os pescadores artesanais, os pomeranos, entre outros.

A comunidade da missão, em Tefé, possui 60 residências, é sede da paróquia do Divino Espírito Santo da prelazia de Tefé/AM, coordenada pela Congregação dos Espiritanos na Amazônia. As atividades econômicas locais provêm da agricultura, da pesca, do funcionalismo público municipal e estadual, do comércio e do extrativismo, é muito visitada por turistas nacionais e estrangeiros, padres e religiosos de diferentes países e pelas populações adjacentes, por ter em seu território construções históricas, que tem valores e importância no âmbito religioso e sociocultural além, de uma bela vista panorâmica do rio Solimões.

O projeto visa tomar cuidado ao demonstrar a verdade e a vivência dessas pessoas. Elucidando o cotidiano e dando ênfase aos personagens que residem no local, trazendo à tona e a conhecimento público que esse tipo de problemática social ainda é bastante comum nos dias atuais, mesmo em meio a tantas políticas públicas que asseguram direitos básicos a qualquer cidadão que resida em solo brasileiro. A finalidade primária, informar. Para que venha a servir como base de discussão relevante entre a massa, com o compromisso de revelar tanto as dificuldades diárias como a cultura vivida por essas comunidades pioneiras e tradicionais.

Tendo como base a informações disponíveis pela Organização Mundial de Saúde (OMS), saneamento é o controle de todos os fatores do meio físico do homem, que exercem ou podem exercer efeitos nocivos sobre o bem estar físico, mental e social. De outra forma, pode-se dizer que saneamento caracteriza o conjunto de ações socioeconômicas que tem por objetivo alcançar salubridade ambiental.

A oferta do saneamento associa sistemas constituídos por uma infraestrutura física e uma estrutura educacional, legal e institucional, que abrange os seguintes serviços: abastecimento de água às populações, com a qualidade compatível com a proteção de sua saúde e em quantidade suficiente para a garantia de condições básicas de conforto; coleta, tratamento e disposição ambientalmente adequada e sanitariamente seguras de águas residuárias (esgotos sanitários, resíduos líquidos industriais e agrícolas); acondicionamento, coleta, transporte e destino final dos resíduos sólidos (incluindo os rejeitos provenientes das atividades doméstica, comercial e de serviços, industrial e pública) coleta de águas pluviais e controle de enchimentos e inundações; controle de vetores de doenças transmissíveis.

Objetivo é analisar e mostrar através de uma reportagem fotográfica, a vivência e as dificuldades que os povos tradicionais (ribeirinhos) da comunidade da

missão passam, devido à falta e/ou negligência nas políticas públicas (saneamento básico, traslado, educação) recursos esses que muitas vezes nem chegam até lá. Quando a pesquisa é feita em campo com os personagens da história o jornalista passa a "humanizar" a matéria ou reportagem, no nosso caso, reportagem foto jornalística, e nosso intuito é justamente esse, traduzir da melhor forma possível essa problemática, torná-la comum.

Escolhemos como uma das bases metodológicas a pesquisa exploratória, visando construir hipóteses, nesse sentido fizemos levantamento bibliográfico e entrevistamos os personagens que vivem as experiências práticas do problema pesquisado. Utilizando também, método qualitativo, que trabalha com os significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Das técnicas, escolhemos a coleta de dados, aplicadas como entrevistas com os moradores do local, que também pode ser descrita como pesquisa de campo, já que existem poucas informações documentais a respeito da comunidade, e revisão bibliográfica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CAPÍTULO 1

O REGISTRO SOCIAL PELAS LENTES DA CÂMERA FOTOGRÁFICA

1.1 História da Fotografia

De acordo com Guillobel, Carmo e Freitas (2018), a palavra fotografia começou a ser utilizada pelos gregos *photos* e esse nome faz referência a luz e a *graphos* que faz referência a gravação. Com isso, a fotografia pode ser associada a gravação pela luz, sendo através dela houve a possibilidade de recriar e guardar acontecimentos em determinado momento e hora, após isso a fotografia foi introduzida na vida da civilização de forma mais intensa ao passar dos anos e atualmente é um dos maiores meios de comunicação e está presente nos jornais, livros e as revistas, televisão, o cinema, a ciência e atividades afins.

Smith (2014), mostra que a história das antigas civilizações é apresentada para conhecimento evolucionar de diversas formas, como através da escrita, pinturas, desenhos e imagens. Sendo os recursos visuais o de maior impacto, devido a ampla realidade mostrada através desses tipos de registros, proporcionando uma maior compreensão sobre a vida desses povos. Segundo Mauad (2011), a imagem fotográfica surgiu no século XIX, juntamente com o surgimento da tecnologia global, com inovações em determinadas áreas que envolve a rotina e lazer da civilização.

Esses autores relacionam os primeiros indícios do surgimento da fotografia estão diretamente ligados Grécia antiga, pois naquele tempo Aristóteles havia criado o princípio da câmera escura, a precursora da atual câmera fotográfica. Aristóteles também menciona a formação da imagem durante a passagem da luz através de pequenos orifícios. Smith (2014) e Mauad (2011) fala que na Grécia antiga, o filósofo Aristóteles observou a imagem que o sol projetava no chão durante um eclipse, quando os raios solares passavam por um pequeno orifício entre as folhas de uma árvore. Foi aí que ele percebeu também, que quanto menor fosse o orifício, mais nítida era a imagem refletida, esse processo ganhou posteriormente o nome de heliografia.

Segundo Guillobel, Carmo e Freitas (2018), em 1839 a Academia de ciências da França reconhece oficialmente o nascimento da fotografia. O inglês William Henry Fox Talbot, inventa no ano de 1841 a calotipia, que viria ser o primeiro processo negativo/positivo sobre papel. A invenção de Talbot foi a base para o que conhecemos como fotografia moderna

George Eastman escreveu seu nome na história da fotografia ao criar a emulsão de gelatina e brometo de prata em forma de rolos, denominando American Film. Sonogo (2010) diz que até aquele presente momento, a fotografia era exclusividade de profissionais. Foi com a introdução da máquina fotográfica de filme de rolo flexível que a fotografia se tornou mais barata e, dessa forma, pode se difundir por todo planeta.

Segundo Kubrusly (2017), a fotografia é traduzida como “o espelho da realidade” ou “desenhar com a luz” o que aproximaria tal ideia da imagem como arte. Deste pequeno conceito, destaca-se as duas palavras principais: imagem e luz. A imagem seria a representação visual de um objeto. Do grego antigo “Eidos” tem sua raiz etimológica do termo “Idea ou Eidea”. Conceito desenvolvido por Platão, a ideia da coisa, a sua imagem nada mais é que uma projeção feita pela própria mente.

Antigamente o Aristóteles considerava a imagem como sendo uma aquisição pelos sentidos, a representação mental de um objeto. Segundo Smith (2014) pode se dizer que o conceito de imagem adquirida como gerada pelo ser humano, em muitos domínios, quer na criação pela arte, quer como simples registro foto mecânico (fotografia), na pintura, no desenho, na gravura, ou em qualquer forma visual de expressão a ideia de que a fotografia é um intrigante documento visual, sendo uma variedade informações em só tempo que pode ser revelador de informações e sentimento.

De acordo com Fabris (2014) a fotografia pode ser analisada a partir de quatro aspectos básicos: Interesse, o processo em si, prazer da estruturação visual e meio de expressão pessoal. É uma técnica de gravação por meios mecânicos e químicos ou digitais de uma imagem de material sensível a exposição luminosa (luz), definida como o seu suporte e a imagem seria a representação visual de um objeto.

Segundo Lissovsky (2011) a partir do surgimento da câmera fotográfica foi possível evoluir no conhecimento, visto que antigamente para saber de algo seria através de textos e ilustrações. Com o advento da máquina fotográfica a fotografia passou a ser meio de comunicação e informações, sendo possível através das

imagens conhecer novas culturas, a história de uma civilização. Além disso, através da máquina fotográfica as pessoas passaram a ter uma visão mais ampla das situações, de outras realidades.

Segundo Guillobel, Carmo e Freitas (2018) os primeiros equipamentos utilizados para fotografia eram muito rudimentares, mas o progresso foi espantosamente rápido: das primeiras exposições que duravam várias horas chegou-se ao instantâneo, à cor, ao micro e ao macro, e aos sofisticadíssimos microcircuitos eletrônicos, que acionam o transporte automático do filme que focalizam a imagem que calculam a exposição e muito mais.

Smith (2018), aborda que as primeiras câmeras fotográficas eram conhecidas como máquina-caixote ou máquina-caixão, dentro dessas caixas havia tanques que tinham a função de revelar o registro realizado e fixar a foto. Tendo o mecanismo inversos das máquinas fotográficas atuais, elas funcionavam registrando o momentos após a captura da imagem, através da revelação de negativos em locais determinados para realização desse mecanismo.

De acordo com Smith (2014) com o passar dos tempos cada vez mais os fotógrafos e cientistas buscavam aperfeiçoar a capacidade das máquinas, mas foi com a fábrica Kodak, que foram introduzidos no mercado a partir de 1888, culminaram na criação de um novo tipo de câmera “caixão”. No ano seguinte, a Kodak lançou uma campanha publicitária anunciando estas novas máquinas, então a partir deste momento a fotografia analógica se popularizou entre a população, sendo essa empresa considerada pioneira na produção de câmeras mais leves e mais fáceis de manusear.

Foster (2017), descreve sobre a *Kodak*, que no ano de 1900, lançou umas das mais populares câmeras produzidas em larga escala pela indústria. Para os usuários destas máquinas, bastava tirar as fotos e leva até a Kodak, que processava e entregava as câmaras já com filmes prontos para novas fotos, fazendo jus ao slogan: “*Aperte o botão e nós faremos o resto*”.

De acordo com Dubois (2011) a fotografia iniciou o processo de produção de imagens fotoquímicas, tornando visível o desenvolvimento das tradições da antiguidade, como os registro em desenhos, pintura e gravura. Ela não é apenas um registro, mas está relacionada a fatos históricos, não sendo considera apenas como uma imagem e sim um acontecimento vivenciado em determinado momento dentro de inúmeras circunstancias específicas.

Na abordagem de Smith (2018), é descrito que as câmeras menores, são mais leves e possuem maior facilidade na forma que os processos são realizados. A produção de uma máquina menor e mais ágil, proporcionou popularidade e democratização das câmeras, pois não havia necessidade de conhecimentos técnicos para utilização delas, tendo facilidade na captura dos registros. Assim, a fabricação das câmeras foram cada vez mais ganhando formas mais práticas, visando o maior lucro.

O que diferencia, de acordo com Ramalho (2013), um tipo de máquina fotográfica de outra é a sofisticação ou simplicidade com que desempenham sua função básica: fazer com que a luz proveniente do objeto ou da cena que se deseja fotografar atinja o filme, formando nele uma imagem. Nesse contexto, é analisado que a máquina fotográfica digital veio para revolucionar o processo fotográfico ao redor do mundo, principalmente com a ausência do filme, um dos marcos mais importantes para a revolução da fotografia. Este tipo de câmeras, capturam as imagens de maneira eletrônica pelo CCD (Sensor), sendo registrada em memória digital ou em disco com grande capacidade de armazenamento, e depois é transportada para o computador, onde, com softwares específicos, pode sofrer diferentes tipos de intervenção.

Atualmente vários equipamentos eletrônicos são capazes de capturar imagens, celulares, tablets, smartphones, computadores, que podem servir para registrar momentos importantes e fazer história. De acordo com Fabris e Lisovsky (2011), a fotografia digital sofreu evolução conforme o desenvolvimento da tecnologia, sendo inverso ao resultado da fotografia analógica. Toda essa evolução percorre um cenário econômico, sendo a fotografia digital resultado das alterações tecnológicas ocorridas desde a revolução industrial.

Berger (2017) apresenta que a fotografia moderna é resultado de um fenômeno de comportamento da luz numa câmara totalmente escura e das fotos sensibilizadas de alguns de seus materiais. O mesmo processo acontece com a pele, que escurece quando é exposta a luz solar. Os raios luminosos que entram por um orifício estreito de uma câmera escurecem projetada, na parte oposta, a imagem dos objetos exteriores.

Ciavatta (2012) apresenta que é possível concluir que a fotografia além de uma vertente no âmbito artístico, também possibilita compreender um evento histórico ou ainda a vivência de uma sociedade. Sua produção é designada a

determinado uso, podendo ser individual ou coletivo, para uso cultural, religioso, político e afins

Sendo assim, Monteiro (2012) considera que a fotografia pode ser utilizada como instrumento de registros que possibilita compreender o cotidiano da vida em sociedade e suas influências nos hábitos e comportamentos humanos. Esse resultado é conseguido através de diversos fatores que consiste, essencialmente, num conjunto de ações e interesses que envolvem ciência prática, imaginação, desenho, habilidade técnica e capacidade organizadora.

1.2. A linguagem do Fotojornalismo

De acordo com Cerdeira (2017), desde que o homem se entende por gente, ele tem a necessidades de retratar a realidade em que vive. Com esse desejo, muitas invenções foram criadas, algumas como heliografia de Niépce e Daguerreótipo de Daguerre, que protagonizaram a fotografia na captura e eternização dos momentos. Para o ser humano retratar a realidade em que vive é essencial e com esse desejo, muitas invenções foram criadas que protagonizaram a fotografia na captura e eternização dos momentos.

Sonego (2010) retrata que no fim dos anos 1960 e a Guerra do Vietnam marcariam o apogeu e o início da crise da fotojornalismo, devido à concorrência da televisão e à restrição dos governos ao acesso ao *front* de guerra dos jornalistas. Os anos 1970 e 80 marcam uma crescente monopolização dos veículos de informação nas mãos de grandes companhias, a industrialização e a homogeneização em nível mundial da linguagem da fotojornalismo dominada por grandes agências de informação.

De acordo com Carvalho (2020) o termo Fotojornalismo é utilizado para se referir ao amplo campo que as fotografias podem exercer no ramo de notícias, tendo como finalidade o repasse de informação através da fotografia. Sendo considerado como foto documentalismo em muitos casos, pois esses métodos se assemelham em muitas coisas, mas se diferenciam em relação a tipologia utilizada. No entanto, os dois possuem a mesma forma de fazer informação, contando as histórias através de imagens. O termo fotojornalismo designa tanto uma função profissional desenvolvida na imprensa quanto um tipo de imagem utilizada por ela. Nesse sentido, ela se distingue da imagem de publicidade que está presente na imprensa,

pois não compartilha os mesmos valores ou ética deontológica de compromisso com a verdade

Buitoni (2016) relata que em 1904 foi publicado uma foto no jornal inglês Daily Mirron, dando início a fotografia inserida nos jornais. Um atraso de mais de vinte anos em relação às revistas ilustradas, que já publicavam fotografias desde a década de 1880. No entanto, o ingresso da fotografia no periodismo diário traduz uma mudança significativa na forma de o público se relacionar com a informação, através da valorização do que é visto. O aumento da demanda por imagens ia levar ao estabelecimento da profissão do fotógrafo de imprensa, procurada por muitos.

Segundo Buitoni (2011) somente a partir dos anos 1930 o conceito de fotorreportagem estaria plenamente desenvolvido. Nas primeiras décadas do século, as fotografias eram dispostas nas revistas de modo a traduzir em imagens um fato, sem muito tratamento de edição. Em geral eram publicadas todas do mesmo tamanho, com planos amplos e enquadramento central, o que impossibilitava uma dinâmica de leitura, como também não estabelecia a hierarquia da informação visual.

Carvalho (2020) aborda que o profissional jornalista fotografa algo que está dentro da temática de trabalho, podendo ser um assunto atual, uma situação momentânea. A linguagem da fotojornalismo deve haver sensibilidade, pois o profissional deve estar atento a avaliar as situações e pensar na melhor forma de fotografar, com instinto, rapidez de reflexos e curiosidade são traços pessoais que qualquer fotojornalista deve possuir, independentemente do tipo de fotografia. Para informar, a fotojornalismo recorre à conciliação de fotografias e textos. Quando se fala de fotojornalismo não se fala exclusivamente de fotografia. A fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem.

Cerdeira (2017) descreve de forma ampla sobre as fotografias como memória, de um lugar e uma determinada situação. Como por exemplo as fotografias de uma guerra, que podem representar um conjunto de vivências, se um texto não ancorar o seu significado, podem ser símbolos de qualquer guerra e não representações de um momento particular de uma guerra em particular. Quando poderosas, as imagens fotográficas conseguem evocar o acontecimento representado (ou as pessoas) e a sua atmosfera. A intuição e o sentido devem trabalhar lado a lado no

ramo da fotojornalismo, para que auxilie na determinação de um acontecimento ou uma situação momentânea. É necessário a exploração de novos ângulos, em especial aos acontecimentos de rotina.

Segundo Sousa (2011), os fotojornalistas trabalham com base numa linguagem de instantes, numa linguagem do instante, procurando condensar num ou em vários instantes, “congelados” nas imagens fotográficas, toda a essência de um acontecimento e o seu significado. Portanto, o foto-repórter tem de discernir a ocasião em que os elementos representativos que observa adquirem um posicionamento tal que permitirão ao observador atribuir claramente à mensagem fotográfica o sentido desejado pelo fotojornalista.

Segundo Oliveira (2015), o profissional foto-repórter procura evitar os elementos que possam distrair a atenção, bem como aqueles que são desnecessários ao bom entendimento da situação. A mensagem fotojornalística funciona melhor quando a fotografia transmite uma única ideia, O fotojornalista necessita de possuir um olhar seletivo, sentido de oportunidade e reflexos rápidos. Tem de ter um olhar seletivo porque tem de seleccionar um instante e um enquadramento capazes de representarem o que aconteceu. Tem de ser oportuno e rápido porque os instantes susceptíveis de representarem acontecimento ocorrem e desvanecem-se rapidamente.

Segunda Maia (2013), a alteração de atitudes e ideias sobre a imprensa contribuiu para a emergência do moderno fotojornalismo na Alemanha dos anos vinte. A aparição de máquinas fotográficas como a Leica, mais pequenas e providas de objetivas luminosas, possibilitou a obtenção de imagens espontâneas e de fotografias de interiores sem iluminação artificial, o que permitiu a aparição da fotografia.

De acordo com Cantinho (2012), a fotografia regista instantes, que podem ser chamadas de primeira realidade, referindo ao ganho automático da imagem servindo de plataforma para interpretações, individuais e distanciadas da qual se originou a fonte real. No entanto, a segunda realidade, estruturada pelo pesquisador Boris Kossoy, relata sobre o fotojornalismo que envia mensagens do emissor para o receptor de acordo com o fato.

Buitoni (2011) diz que a comunicação no universo jornalístico se dá de diversas formas, seja através do jornal impresso, do telejornal, portais de notícias, revistas ou blogs. Em todas as suas plataformas o uso da imagem é imprescindível.

Diante disso, é inegável que imagem e texto se complementam quando se trata de evidenciar fatos e validar a veracidade de informações. Visto que, apenas uma imagem ou apenas um texto pode dar margem a interpretações equivocadas.

Segundo Pinto (2010), a imagem fotojornalística deve ter força da notícia, com a notícia passada, visando uma maior riqueza ao mostra a informação para o público, desse modo a mensagem principal será entendida de acordo como deveria ser. Sendo à captação da imagem se liga com uma escrita bastante sucinta e esclarecedora sobre fatos que geram impacto para a sociedade, pois este elemento é bastante importante para levar a mensagem.

Desde sua criação, a fotografia, cria uma linguagem única e ao mesmo tempo temporal. De acordo com Proença (2015), a fotojornalismo não está fora disso. Sua representação no contexto de mostrar a realidade tem um grande peso social, cultural e educacional. Remetendo a uma clara visão de mostrar à sociedade como todo, tanto que o fotojornalista tem essa missão, de levar o real, encaixar a imagem com o contexto que é desenvolvido naquele ambiente.

Oliveira (2015), aborda que a fotografia, principalmente aquela que deseja expor a realidade é caracterizada de espelho do real, então pode-se dizer que o fotojornalismo utiliza linguagem que ligam o fato acontecido com determinadas partes sociais, demonstrando uma aproximação entre o público e consumidor, porém em alguns casos não. O desenvolvimento desse ramo da fotografia procura mostrar o constante de conflito ao redor do mundo, as dificuldades e a tensão que uma sociedade vive, demonstra tudo aquilo que tira a calma de um ambiente. Independentemente de como a imagem é fixada no papel, a fotografia captar algo que passa despercebido ao olho nu e grava atrás das lentes a criação de uma história.

No trabalho de Buitoni (2016) ele aborda sobre o repórter fotográfico, como um jornalista que capta informações e as elabora por intermédio da fotografia. Ele está integrado no processo de produção de informações, participando desde o levantamento e sugestão de assuntos até a diagramação das fotos no jornal ou na revista. No jornalismo contemporâneo, a fotografia é tida como um recurso essencial e seu valor informativo é mais importante que sua qualidade técnica. De fato, uma boa fotografia pode ser mais expressiva e memorável que uma boa reportagem.

Segundo Oliveira (2015), desde sua criação, a fotografia, cria uma linguagem única e ao mesmo tempo temporal. O fotojornalismo não está fora disso. Sua

representação no contexto de mostra a realidade tem um grande peso social, cultural e educacional. Remetendo a uma clara visão de mostrar a sociedade como todo, tanto que o fotojornalista tem essa missão, de levar o real, encaixar a imagem com o contexto que é desenvolvido naquele ambiente.

Levando em consideração o conteúdo apresentado no estudo de Buitoni (2011), considera-se o texto como um elemento imprescindível da mensagem fotojornalista. Apesar da fotografia e texto não sejam estruturas homogêneas (o texto ocupa, geralmente, um espaço contíguo ao da fotografia, não invadindo o espaço desta, a não ser para construir mensagens gráficas), não existe fotojornalismo sem texto. Com o texto pode-se procurar denotar (redução dos significados possíveis) ou conotar (insuflação de segundos sentidos) a componente imagística da mensagem fotojornalística, sendo assim em certas ocasiões, os efeitos gráficos do texto que complementam uma fotografia reorientam o sentido da mensagem fotojornalística.

Perpétuo (2015) em seu estudo aborda sobre um momento importante do fotojornalismo mundial, que foi a criação nos Estados Unidos da revista Life, em 1936, que se tornou lenda dentro do jornalismo. Ela, que durou até o início dos anos 70, reiterou a ideia do fotojornalismo como um jornalismo de guerra, visto que o período de sua duração coincide com grandes conflitos da Humanidade: Guerra Civil Espanhola, Segunda Guerra Mundial, os conflitos na África, e finalmente a Guerra do Vietnã.

Leitão e Santos (2012) apresentam como o fotojornalismo foi desenvolvendo formas de classificação própria para denominar os tipos de imagens que circulam na imprensa. Entre os seus gêneros tradicionais há em seus polos a fotografia de atualidade estrita (predominante nos grandes jornais de circulação diária), determinada pelo imediatismo informativo, e a fotorreportagem, em que a fotografia recebe um tratamento mais interpretativo, sequencial e narrativo (mais comum nas grandes revistas de circulação semanal).

Através da abordagem de Costa e Aquino (2014), entende-se que a linguagem fotojornalística por fim, remete emoções, dúvidas e uma série de informações sobre o conteúdo exibido. pode-se dizer que é o espelho do real ou não, mas a informação por uma imagem sempre acrescenta uma visão diferenciada.

1.3 Técnicas presentes no fotojornalismo

Kubrusly (2017) ao falar das técnicas presente a fotojornalismo, deve se levar em consideração que os procedimentos na obtenção de imagens fotográficas, são mais orientações aos fotógrafos, para facilitar o seu trabalho, do que leis a serem obedecidas cegamente.

Cada fotógrafo deve estar consciente da ação de fotografar, que além de “eternizar o momento”, é um registro de sua opinião sobre as coisas, sobre o mundo. Para Souza (2004), o termo pode abranger quer as fotografias de notícias, quer as fotografias dos grandes projectos documentais, passando pelas ilustrações fotográficas e pelos features (as fotografias intemporais de situações peculiares com que o fotógrafo depara), entre outras. De qualquer modo, como nos restantes tipos de jornalismo, a finalidade primeira do fotojornalismo, entendido de uma forma lata, é informar.

De acordo com Fabris (1991) a base técnica da realização da fotografia determina os elementos da linguagem. O estudo da linguagem decorre da necessidade de "dizer" alguma coisa e é proveniente de um processo de experimentação dos recursos colocados à disposição da fotografia pela técnica. Todo avanço técnico enriquece e modifica a linguagem; como exemplo pode notar pela história, a mudança nos valores dos elementos da linguagem no surgimento da foto em cores.

O autor Sousa (2004) enumera as características mais predominantes: (1) planos gerais globalizantes em que participam os principais elementos significativos, (2) planos médios e de conjunto das ações principais, (3) grandes planos e planos de pormenor de detalhes significativos do meio, dos sujeitos e das ações, (4) retratos dos sujeitos, em close-up (grande plano) ou noutros planos, como o plano americano (corte acima dos joelhos) e (5) fotografia de encerramento. Os planos gerais globalizantes devem procurar situar o observador e mostrar-lhe, de preferência numa única imagem, a essência da história.

Quanto ao distanciamento da câmara em relação ao objeto fotografado, Kubrusly (2017) mostra que deve ser levando em conta a organização dos elementos internos do enquadramento, verifica-se que a distinção entre os planos não é somente uma diferença formal, cada um possui uma capacidade narrativa, um conteúdo dramático próprio. É justamente isso que permite que eles formem uma

unidade de linguagem, a significação decorre do uso adequado dos elementos descritivos e/ou dramáticos contidos como possibilidades em cada plano.

Já Aristóteles falava no equilíbrio nas decisões, ou seja, no compromisso entre dois pontos de vista extremos ou de duas ações extremas. Por exemplo, certos funerais de figuras públicas necessitam de ser cobertos, total ou parcialmente.

A fotografia representa o detalhe, a minúcia, a perspectiva, a luz, o momento fugaz, a espontaneidade, e a velocidade que muitos procuravam, mas não conseguiam por outros meios. Não é de hoje a afirmação que a invenção da fotografia LIBERTOU a pintura para encontrar a sua verdadeira vocação expressiva. Poderíamos até afirmar que do ponto de vista de um determinismo histórico, a humanidade estava fadada a descobrir a fotografia ou alguma coisa semelhante porque não desistiria dessa busca até chegar ao que procurava. (HARRELL, 2002, p.1).

Grande Plano Geral (GPG)

Para Sousa (2004) o ambiente é o elemento primordial. O sujeito é um elemento dominado pela situação geográfica. Objetivamente a área do quadro é preenchida pelo ambiente deixando uma pequena parcela deste espaço para o sujeito que também o dimensiona. Seu valor descritivo está na importância da localização geográfica do sujeito e o seu valor dramático está no envolvimento, ou esmagamento, do sujeito pelo ambiente.

Plano Geral (PG)

De acordo com Ramalho (2013) neste enquadramento, o ambiente ocupa uma menor parte do quadro: divide, assim, o espaço com o sujeito. Existe aqui uma integração entre eles. Tem grande valor descritivo, situa a ação e situa o homem no ambiente em que ocorre a ação. O dramático advém do tipo de relação existente entre o sujeito e o ambiente. O PG é necessário para localizar o espaço da ação.

Plano Médio (PM)

Segundo Ramalho (2013) o enquadramento em que o sujeito preenche o quadro-os pés sobre a linha inferior, a cabeça encostando-se à superior do quadro, até o enquadramento cuja linha inferior corte o sujeito na cintura. Como se vê, os

planos não são rigorosamente fixados por enquadres exatos. Eles permitem variações, sendo definidos muito mais pelo equilíbrio entre os elementos do quadro, do que por medidas formais exatas. Os PM são bastante descritivos, diferem dos PG que narram a situação geográfica, porque descrevem a ação e o sujeito.

Primeiro Plano (PP)

Para Sousa (2004) deve-se enquadrar o sujeito dando destaque ao seu semblante. Sua função principal é registrar a emoção da fisionomia. O PP isola o sujeito do ambiente, portanto, "dirige" a atenção do espectador.

Plano de Detalhe (PD)

O PD isola uma parte do rosto do sujeito. Sousa aponta que evidentemente, é um plano de grande impacto pela ampliação que dá a um pormenor que, geralmente, não percebemos com minúcia. Pode chegar a criar formas quase abstratas.

Foco - foco diferencial, desfoque, profundidade de campo

Segundo Ramalho (2013) dentro dos limites técnicos, há possibilidades de controlar não só a localização do foco, como também a quantidade de elementos que ficarão nítidos. Além disso, podemos também trabalhar com a falta de foco, ou seja, o desfoque. Podemos enfatizar melhor um elemento da fotografia sobre os demais, selecionando-o como ponto de maior nitidez dentro do quadro. A escolha depende do autor, mas a força da mensagem deve muito ao foco. É ele que vai ressaltar um certo objeto em detrimento dos outros constantes no enquadramento. A pequena falta de foco de todos os elementos que compõem a imagem pode servir para a suavização dos traços, o contrário acontece quando há total nitidez, que demonstra a rudeza ou brutalidade da realidade.

Movimento em maior e em menor grau, estabilidade

De acordo com Ramalho (2013) o captar ou não o movimento do sujeito é também uma escolha do fotógrafo. Às vezes, um objeto adquire maior realce quando a sua ação é registrada em movimento, ou o movimento é o principal elemento, portanto deve-se captá-lo. Outras vezes, a força maior da ação reside na sua estagnação, na visão estática obtida pelo controle na máquina.

Forma – espaço

Para Ramalho (2013) a forma não é só o contorno; é o modo do objeto ocupar espaço. As possibilidades normais da fotografia, fornecem aspectos bidimensionais da imagem; a forma, enquanto aspecto isolado, pode fornecer a sensação tridimensional. A maneira pela qual a câmera pode fornecer a sensação tridimensional, depende de alguns truques visuais, tais como: a maneira pela qual as imagens são compostas; os efeitos da perspectiva; a relação entre os objetos longe e objetos próximos.

Ângulo - posição da máquina

De acordo com Ramalho (2013) e Kubrusly (2017) a câmara pode ser situada tanto na mesma altura do sujeito, , como também abaixo ou acima dele. Ao fotografarmos com a máquina de "cima para baixo"(mergulho), ou de "baixo para cima"(contra mergulho) temos que nos preocupar com a impressão subjetiva causada por esta visão. A máquina na posição de mergulho, tende a diminuir o sujeito em relação ao espectador e pode significar derrota, opressão, submissão, fraqueza do sujeito; enquanto o contra mergulho pode ressaltar sua grandeza, sua força, seu domínio. Evidentemente estas colocações vão depender do contexto em que forem usadas.

Cor - gradação de cinzas, as cores

Para Fabris (1991) é a mais imediata evidência da visão. Ela pode propiciar uma maior proximidade da realidade, limitando a imaginação do espectador, o que já

não acontece nas fotos B&P que nos fornece, nos meios tons, a sensação de diferença das cores. A escolha de B&P ou colorido, vai determinar diferentes respostas do espectador, já que as cores também são uma forma de sugerir uma realidade enganosa. A cor pode e deve ser usada desde que sob um cuidadoso controle estético.

Textura - impressão visual

Sousa (2004) descreve que a textura fornece a ideia de substância, densidade e tato. A textura pode ser vista isoladamente. A superfície de um objeto pode apresentar textura lisa, porosa ou grossa, dependendo do ângulo, dos cortes, da luz. A eliminação da textura na fotografia pode causar impacto, uma vez que é a forma de eliminar aspectos da realidade, distorcendo-a. A textura é elemento muito importante para a criação do real dentro da fotografia, embora possa, também, desvirtuá-lo.

Iluminação - sombras, luzes

Para Sousa (2004) a iluminação fornece inúmeras possibilidades ao fotógrafo. Ela está interligada aos outros elementos da linguagem, funcionando de forma decisiva na obtenção do clima desejado, seja de sonho, devaneio, ou de impacto, surpresa e suspense. A iluminação pode enfatizar um elemento, destacando-o dos demais como também pode alterar sua conotação

Aberrações - óticas, químicas

Para Ramalho (2013) as aberrações podem ser causadas quimicamente ou óticamente. Todas as deformações da imagem, que a técnica fotográfica nos permite usar, têm conotações bastante marcantes. As deformações, causadas nas proporções das formas dos elementos da foto, fogem à realidade causando um forte impacto. Outras aberrações, como a mudança dos tons, das cores, podem criar um clima de sonho, de "fora do tempo", de irreal. Todas estas mudanças da realidade provocadas intencionalmente pelo fotógrafo, têm como objetivo primordial a alteração do clima de realidade e, portanto, devem ser muito bem elaboradas.

Perspectiva – linhas

De acordo com Sousa (2004) a perspectiva auxilia a indicação da profundidade e da forma, uma vez que cria a ilusão de espaço tridimensional. Ela se determina a partir de um ponto de convergência que centraliza a linha, ou as linhas principais da fotografia.

Equilíbrio e composição - Balanço, arranjo visual dos elementos.

Para Ramalho (2013) a composição é o arranjo visual dos elementos, e o equilíbrio é produzido pela interação destes componentes visuais. O equilíbrio independe dos elementos individuais, mas sim do relativo peso que o fotógrafo dá a cada elemento. Desta maneira, considera-se que o mais importante para o equilíbrio é o interesse que determinará a composição dos outros elementos, tais como: volume, localização, cor, conceituação. Como todos os outros elementos, o equilíbrio será conseguido de acordo com os propósitos do fotógrafo, de evocar ou não estabilidade, conforto, harmonia e também de acordo com o gênero seguido.

1.3 Os gêneros do Fotojornalismo

Segundo Avancini (2011), a fotografia é uma das áreas mais importantes para o bom jornalismo. Ajuda a compreender as situações de forma mais completa, em parceria com as palavras. Fotojornalismo é uma atividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz. A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual.

De acordo com Souza et al. (2013), a fotografia se distingue de outros sistemas de representação como a pintura e o desenho (dos ícones), bem como dos sistemas propriamente linguísticos (dos símbolos) enquanto se aparenta muito com o dos signos como a fumaça (índice do fogo), a sombra (alcance), a poeira (depósito do tempo), a cicatriz (marca de um ferimento) e as ruínas (vestígios de algo que esteve ali).

Monteiro (2016), aborda que a identificação de um gênero jornalístico passa pela intenção e pelo contexto de inserção de uma foto numa peça (uma fotografia de notícia, se isolada, pode tanto ser um retrato como uma *feature photo*). Notícias, *features*, retrato, ilustrações fotográficas, histórias em fotografia (Picture stories- que englobam os subgêneros de fotorreportagem e ensaio fotográfico). classifica e conceitua os gêneros foto jornalísticos em notícias (englobando os subgêneros das *spot news* e das notícias em geral), *features*, retrato, ilustrações fotográficas, paisagem e histórias em fotografias ou *picture stories* (que engloba os subgêneros das foto-reportagens e dos foto-ensaios, podendo misturar fotografias de várias das categorias anteriores).

Segundo Monteiro (2016), as *pictures stories* são compostas por uma série de imagens que procuram contar uma história ou apresentar as várias facetas de um tema. Elas são um gênero nobre do fotojornalismo, que podemos associar à fotorreportagem. A sua realização requer mais tempo e envolvimento do fotógrafo com o assunto. Normalmente trata-se de um problema social que é tratado em maior profundidade. Elas apresentam geralmente cinco tipos de fotografia: planos gerais de contextualização, planos médios sobre a ação/atividades principais em tela; grandes planos com detalhes significativos do meio, dos sujeitos e das ações; retratos dos sujeitos envolvidos; e uma fotografia de encerramento.

Sousa (2011), relata que o fotoensaio caracteriza-se também por ser uma narrativa em fotografias na qual o fotógrafo / a equipe / o veículo propõe abertamente uma interpretação visual sobre o tema abordado. Existe uma clara distinção entre os defensores da foto única (instante decisivo), que exigiria maior destreza técnica e senso de oportunidade do fotógrafo para sintetizar o acontecimento em uma imagem.

De acordo com Canabarro (2015) a foto Ensaio, geralmente revelam algo sobre o autor e sua forma de pensar, presença mais clara do ponto de vista. Promove uma narrativa linear com diagramação hierarquizada (no impresso). Deve haver uma unidade estética e coesão entre as fotos, cada foto traz uma nova tonalidade para a história (sem redundâncias) são produzidas de forma que, além da captura das imagens, envolve a reflexão sobre a conexão entre as imagens, edição que pode expressar melhor sua intenção no trabalho, apresentação que seja mais eficiente para tocar o outro.

Nesse sentido, Carvalho (2020) diz que a foto ensaio dialoga com o estilo e os modos de fazer de outro campo da fotografia: o fotodocumentarismo. O fotodocumentarismo compartilha com o fotojornalismo o compromisso com a realidade, porém diferenciando-se dele ao abordar preferencialmente os fenômenos estruturais ao invés da conjuntura noticiosa, distanciando-se desta forma dos prazos de produção mais curtos da imprensa diária. Assim, abre-se também a circuitos mais variados de distribuição, como a galeria, o museu e o livro para a expressão da subjetividade, da criatividade e da poética visual do fotógrafo.

Machado (2010), aborda que frequentemente, as *spot news* são obtidas sem se contar. Fazem parte das *hard News*, são os acontecimentos incomuns, momentos únicos que o fotógrafo tem a agilidade em captar. Muitas vezes são obras do acaso. Um fotojornalista, no trabalho e fora dele, deve preocupar-se não apenas com os serviços que tem na pauta, mas também com todo o evento jornalisticamente relevante que o acaso coloque no seu caminho. *General News*, exemplo de cobertura em que o fotojornalista pode se programar, tanto para escolher quais equipamentos levar como para planejar as cenas que serão fotografadas.

De acordo com Lohmann e Barros (2012), o fotojornalismo pode estar associado com a cobertura de ocorrências como entrevistas coletivas, reuniões políticas nacionais e internacionais, atividades diplomáticas, congressos, cerimônias protocolares, manifestações pacíficas, bolsa de valores, comícios, campanhas eleitorais, ciência e tecnologia, artes e espetáculos, desfiles de moda, festas de sociedade, desporto (quando não se considera a fotografia de desporto um gênero específico).

Karam (2014), apresenta que o Jornalista possui maior liberdade artística e criativa: o que interessa é uma imagem incomum, forte visualmente, frequentemente colorida. Foco no humor das situações, memorando momentos que fazem reparar na beleza do mundo, das pessoas, e das coisas. capacidade de gerar significado ou sentido com a imagem. Depende da prontidão de um repórter (não existe pauta para essas fotos). Qualidade também depende da capacidade de exploração e observação do fotógrafo.

No aspecto abordado por Reis e Pereira (2020), esse ramo caracterizar-se como uma atividade que visa “informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer, ou ‘opinar’ através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico”. O fotojornalismo atende à demanda

de produção de um veículo de comunicação e se filia a sua linha editorial, buscando apresentar de forma clara, nítida e objetiva um acontecimento voltado ao consumo imediato.

Segundo Carvalho (202), o enquadramento corresponde ao recorte da realidade visível realizado pelo fotógrafo e representado na fotografia, que se concretiza no plano. Existem quatro tipos de planos principais com diferentes níveis de expressividade fotográfica: plano geral, plano de conjunto, plano médio e grande plano. A composição é a ordenação ou disposição dos elementos fotografados no espaço da fotografia, colocados no centro ou levemente deslocado do eixo central para facilitar ao leitor a identificação do assunto tratado.

O foco é a zona de melhor definição de uma imagem, o motivo privilegiado da fotografia, que é conferido pelo ajuste do tipo de lente, a abertura do obturador e o tempo de exposição nas câmeras analógicas. Podemos ter um indivíduo em foco no primeiro plano e outros fora em segundo plano, assim como o foco pode estar no segundo ou terceiro plano (fundo) (CARVALHO, 2020).

Finol e Nery (2012), apresenta que o objetivo da foto retratos não é só mostrar a faceta da pessoa ou do grupo, mas evidenciar um traço da sua personalidade (individual ou coletiva), por meio da expressão facial ou da pose (espontânea ou não). O retrato geralmente pressupõe um acordo entre fotógrafo e fotografado (as fotos de cenas são os chamados instantâneos) pode ser feito tanto individualmente como em grupo. É necessário que o foto-repórter disponha de tempo. É preciso variar as posições, os pontos de vista, os planos, a iluminação, os ambientes.

Para a realização de retratos ambientais torna-se geralmente necessária a utilização de uma grande-angular (de 20 a 35mm). Deve-se igualmente procurar obter uma grande profundidade de campo, de maneira a tornar nítidos os diversos objetos e o ambiente circundante, já que são peças importantes para o processo de construção de sentidos a partir das imagens fotográficas (FINOL; NERY, 2012).

Juchem (2010) apresenta As Ilustrações fotográficas, como uma possível forma de fotografia única ou fotomontagem, ser a base para foto-opinião e foto-análise. Todas são imagens fabricadas e planejadas para causar um certo tipo de

efeito. Técnicas de estúdio (principalmente de iluminação), concretização fotográfica de ideias, muitas vezes vagas (desafio de resolver problemas fotográficos).

Carvalho (2020), mostra que a fotorreportagem, tem como objetivo essencial documentar a evolução de um acontecimento real e das pessoas que o vivem. Diferente do ensaio, não visa marcar um ponto de vista, são menos extensas que os foto-ensaios. É necessário o texto como complemento como “legenda” que servirá como guia para a leitura das imagens.

Para compreender a imagem é preciso compreender que ela é algo que se assemelha a outra coisa. De acordo com Silveira (2010), se a imagem é percebida como representação, isso quer dizer que a imagem é percebida como signo. A fotografia, o vídeo, o filme são considerados imagens perfeitamente semelhantes, ícones puros, ainda mais confiáveis porque são registos feitos, como vimos, a partir de ondas emitidas pelas próprias coisas. Essa conclusão aplica-se às fotografias de imprensa. Segundo Castro e Fonseca (2011), a imagem midiaticizada é uma mensagem; e, enquanto mensagem, ela está diretamente relacionada com uma fonte emissora, um canal de propagação e um receptor.

Proença e Monteiro (2016) relatam que a produção das imagens do fotojornalismo implica o trabalho de diversos profissionais num amplo conjunto de práticas fotográficas, que envolve não apenas o fotógrafo, mas um conjunto de profissionais em uma empresa ou instituição vinculada ao campo da comunicação: diretores de redação, chefe de reportagem, editores de fotografia, redatores, fotógrafos, diagramadores, arquivistas etc. Devendo o profissional fotógrafo e jornalista realizar seus serviços de forma a respeitar esses outros profissionais e demais indivíduos que estejam envolvidos nos processos, ainda mais quando se aborda a liberdade artística.

Nesse contexto, é importante a abordagem e o conhecimento sobre a ética profissional do jornalismo. Pois a prática jornalística deve estar de acordo com o código de ética, para que as condutas seguidas por esse profissional estejam alinhadas com a essência do jornalismo. Sendo esperado que o produto fotojornalístico seja realizado com métodos lícitos, com princípios éticos de obtenção da informação, não somente os procedimentos envolvidos nesse ramo, mas em outras segmentos do jornalismo também.

CAPÍTULO 2

REPORTAGEM FOTOGRÁFICA NO JORNALISMO INVESTIGATIVO E A ÉTICA PROFISSIONAL

2.1 Ética e a fotografia

De acordo com Souza (2004), a fotografia, utilizada como uma forma de produção jornalística, de criação e transmissão da informação, deve obedecer a algumas regras pertinentes ao seu real propósito. Parte delas são tidas como essenciais à função informativa e devem ser observadas por aqueles que trabalham diretamente com a utilização da fotojornalismo.

O autor Souza (2004) considera a ética como um estudo dos juízos de apreciação que se referem à conduta humana susceptível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada sociedade, seja de modo absoluto. Ela pode ser considerada como um conjunto de valores morais e princípios que irão nortear a conduta humana na sociedade. Logo, é devido imaginar que cada sociedade irá possuir suas próprias condutas, principalmente, éticas e morais. Em fotojornalismo, pode ser um norte que irá guiar seus profissionais na realização de um trabalho sério, digno e que irá respeitar os limites das situações e das pessoas retratadas.

Nesse contexto, Kossoy (2001), identifica que a função de um fotojornalista é tentar transmitir, por meio da sua interpretação da realidade, os fatos e notícias através de sua fotografia. Inevitavelmente, existe uma pessoa que está por trás da câmera, operando o equipamento e realizando os registros exigidos pela notícia. Tais registros devem estar inalterados, do momento em que foram realizados até a sua entrega ao receptor final da notícia.

Para Souza (2004), o código de ética profissional na sua definição mais genérica, a ética vai ser traduzida em leis e outras normas obrigatórias. Entretanto, a ética profissional é redigida por meio de códigos de conduta internos e estatutos específicos para cada empresa. Normalmente as empresas acabam disponibilizando esse conjunto de normas que irá formar a ética profissional. Assim sendo, o colaborador precisa ler e aprender a colocá-las em prática.

Para a filósofa Chauí (2003) a ética é como um “código de conduta”. Esse código estabelece os valores de uma sociedade. Esses valores partem da

consciência moral e das deliberações de cada um no agir social. Esses valores não são inatos, dependem dos aspectos culturais em que estão inseridos, e são ensinados e aprendidos para a manutenção da organização social.

Já o jornalista Christofaletti (2008) no livro *ética no jornalismo*, a ética é como uma moeda, tem duas faces, duas dimensões: a individual e social, na primeira estão os valores morais, suas convicções, na segunda os valores absorvidos dos grupos sociais dos quais passamos a ter interação ao longo da vida (trabalho, amigos, escola, igreja). Essa condição faz com que nossas decisões não sejam tão somente pessoais ou sociais.

Além disso, Christofaletti (2008) acrescenta que esse debate nasce com a racionalidade. Ética não se constitui num conjunto de pequenas regras, mas em princípios que só podem ser compreendidos no seio de uma comunidade, na complexidade de suas relações e aspirações. Para Chauí (2003) A história revela que as discussões sobre a ética remontam o chamado período clássico. Foram os gregos que cunharam (moldaram) os termos, os conceitos e as palavras nos seus significados, aos quais fazem referência os estudos do mundo ocidental.

2.2 Entendendo as diferenças do Jornalismo Investigativo

O jornalismo em todo seu conceito, se organiza por nichos. E um deles, sendo um dos mais utilizados na área, é o jornalismo investigativo. Expor a população questões ocultas que muitas vezes tentam ser escondidas, por serem de pessoas ou empresas com posição de poder dentro da sociedade.

A cobertura investigativa utiliza materiais objetivamente verdadeiros – ou seja, fatos que qualquer observador razoável concordaria que são verdadeiros – visando à meta subjetiva de reformar o mundo. Ela não é uma licença para mentir por uma boa causa. Ela é uma responsabilidade, para que a verdade seja aprendida de modo que o mundo possa mudar. (HUNTER et al., 2013, p8.)

Segundo Hunter et al. (2013) o profissional deve ter um toque a mais na busca de informações e elementos que comprovem a sua teoria sobre o tema que está sendo exposto ao público. Pois se trata de um trabalho complexo, trabalhoso e muitas vezes perigoso, pois mexe muitas vezes com matérias grandes e com pessoas de poder aquisitivo alto, além destes pontos o jornalismo investigativo exige

talento, financeiro, disponibilidade, tempo e em partes sorte, pois não é todo dia que uma grande matéria “cai do céu”.

Por utilizar o termo investigação, causa um certo desconforto, se tornou uma qualificação específica para as reportagens de mais fôlego, de maior investimento de apuração. Aquela que exige mais tempo e paciência para pesquisas, entrevistas, observação direta, checagem e recheagem e a busca obsessiva por documentos e provas.

De fato, o que dá conotação investigativa ao todo nada tem a ver com a rotina do noticiário, mas com a perspectiva de corolário com momentos de grande diferença — função que já foi primordialmente ligada ao furo, mas que cada vez mais está conectada a ações diferenciadas em áreas específicas do espaço público, no caso de reportagens relativas a políticas de governo e/ou da vida funcional/pessoal dos agentes públicos. (HUNTER ET AL., 2013).

Segundo Hunter et al., (2013), a reportagem investigativa, suas informações não podem e nem devem ser publicadas até que esteja totalmente apurada e com total coerência sobre o tema, tendo garantia sobre o que está sendo abordado. Está investigação requer muitos detalhes que comprovem os fatos sem deixar pontas soltas. As informações nela documentada, deve ser capaz de apoiar ou negar o objeto a ser exposto de acordo com as fontes.

Existe várias maneiras de se começar uma investigação, de acordo com Hunter et al., (2013) uma delas é a observação do redor, nas mudanças do próprio ambiente. Mostrando o porquê de algo está errado ou não fazendo sentido para os certos contextos sociais. Um jornalista investigativo, deve estar em constante questionamento a casos que lhe incomodam perante a sociedade, tendo assim, o objetivo de investigar tal fato.

“Não existe algo como uma investigação curta. As habilidades necessárias para uma investigação em um vilarejo distante são as mesmas habilidades que você precisará ter mais adiante na capital. Isso não é uma teoria, isso é a nossa experiência. Use as histórias que aparecem onde quer que você esteja agora para começar a construir essas habilidades. Não espere até você estar envolvido em uma investigação de altos interesses

para aprender o que você está fazendo”. (HUNTER et al., 2013, p11.)

Hunter et al., (2013) diz que os veículos de comunicação, tem um fluxo frequente em relação a interesses econômicos e grandes reportagem, principalmente aquelas com teor na mudança do cenário político. Nem todos os veículos são de natureza investigativa. Mesmo assim os veículos e principalmente os profissionais da comunicação (jornalistas), tendem a produzir matérias que causam grande relevância promovendo o jornalismo investigativo. Tanto no Brasil como no mundo, este conceito de investigação está atrelado a escândalo, denúncias, crimes, corrupção e entre outros fatos que causam questionamentos para a população sobre certos casos que muitas vezes estão ao seu redor.

Não é por outra razão que o conceito de investigação jornalística no Brasil está atrelado a escândalos e denúncias, quando se sabe que a maioria dessas matérias nasce do repasse puro e simples de informação, muito mais um mérito das fontes do que, propriamente, do repórter. O que antes era a busca pelo furo passou a ser uma corrida, às vezes, desenfreada pelo rótulo. E também por outros motivos, inclusive uma colocação honrosa — e bem remunerada — dentro de um mercado de trabalho fechado e cada vez mais restrito das redações. (HUNTER et al., 2013).

De acordo com Hunter et al., (2013) o objetivo de uma investigação está mais além de provar que você tem razão. O objetivo é encontrar a verdade. Uma investigação baseada em uma hipótese é uma ferramenta que pode cavar uma boa medida da verdade, mas ela também pode cavar uma profunda cova para os inocentes. Muitas dificuldades aparecem na busca da informação, principalmente quando se trabalha com investigação e procura da informação para mostrar algo ou alguém, tanto se para expor algo positivo, quanto negativos. O profissional que procura por essas notícias, deve ser neutro e não pode expor sua opinião total sobre o caso, tendo ética e clareza em suas palavras, provando o fato e mantendo a imparcialidade no jogo

Uma das maiores dificuldades da investigação jornalística reside, justamente, nas bases éticas de uma atividade que

tende a se misturar com uma atividade muito mais próxima do trabalho policial do que, propriamente, do jornalismo. Muito se discute sobre o comportamento do jornalista diante das circunstâncias de uma matéria que exige infiltração, dissimulação e, não raras vezes, doses exageradas de perigo [...] A tentação de se descobrir a verdade, ou dela se apropriar como trunfo, pode levar as redações a optarem por todo tipo de meio investigativo, legal ou não, graças à velha máxima de que os fins justificam o meio (HUNTER et al., 2013).

Segundo Hunter et al., (2013), depois ter organizado e definido a hipótese que será produzida, o jornalista deve procurar os meios para provar sua teoria, demonstrando sua válida e clareza sobre o assunto abordado. O repórter terá que manter o foco na história proposta, não ficando preso apenas aos fatos mostrando. O jornalismo investigativo aborda a situação desde sua história até sua confirmação pelo fato comprovados feitas pelo profissional.

Os fatos podem ser a base da sua história, mas eles não contam a história. A história é que conta os fatos. Ninguém lembra três linhas de uma agenda de endereços, mas todos se lembram de uma história sobre cada nome na sua agenda. Ao enquadrar a sua investigação como uma história desde o início, você não somente auxiliará os seus leitores futuros a se lembrar dela. Você também auxiliará você mesmo a se lembrar dela. Acredite no que estamos dizendo, essa é a parte mais difícil da investigação – lembrar-se da história à medida que os fatos vêm se somando. (HUNTER et al., 2013, p26.)

De acordo com Forte (2005) o jornalismo investigativo passou a ganhar mais visibilidade pois tem seu cunho em releva informações para a população segredos, arquivos ou bastidores de coisas ilegais feitas por baixo dos panos da população. Seu maior intuito é desmascara o que é ilegal, fora da ética e o que prejudica a sociedade como um todo. O jornalista Leandro Fortes descreve sobre atuação do jornalismo investigativo tendo impressão quase policial.

Segundo Hunter et al., (2013, p26.) a reportagem investigativa exige algumas técnicas, e tem laços em comum com diversos nichos. Seu resultado varia de pesquisas e estudos sobre a caso (história) a ser desvendado. A reportagem em seu final, seja de qualquer plataforma de comunicação é fruto de apuração, que o

profissional se dispõe a desvendar, com fonte diversas, sejam elas documentadas ou pessoas

O que diferencia o jornalismo investigativo dos demais setores da atividade são as circunstâncias, normalmente mais complexas, dos fatos, sua extensão noticiosa e o tempo de duração que, necessariamente, deve ser maior, embora quase sempre exercido sobre pressão. (FORTE, 2005, 30)

De acordo com Hunter et al., (2013) o jornalismo investigativo, procura se aproximar o máximo possível de suas fontes, tendo cuidado e criando o máximo de informações que agreguem a história com dados que foram pesquisados pelo repórter. O cuidado que o repórter deve ter na hora de repassar a notícia ao público, é muito importante para que não passe uma informação errada ou de poder individual. Pois deve-se ter a noção de que se deve apresentar fatos e situações que realmente expressem aquela afirmação proposta contra o acusado.

Os repórteres precisam ser extremamente cuidadosos para não usarem o seu poder indevidamente. Se uma investigação levar a acusações substanciais contra uma pessoa, geralmente não é necessário adicionar insultos pessoais à receita. Na maioria dos casos que já vimos, os repórteres se tornam injuriosos quando estão cansados ou amedrontados. A fadiga leva à síndrome de atacar ou fugir, associada à fisiologia do stress; da mesma forma, ocorre a agressão, real ou imaginada, por parte do alvo ou do(a) jornalista. (HANSON et al., 2013, P78.)

Segundo Forte (2005) o cuidado ao investigar e denunciar é muitas vezes trabalhoso para o profissional, pois remete tempo, paciência, pesquisa, estudo e principalmente uma boa sanidade mental. Porquê por mais que a investigação estava quase no fim. A qualquer momento tudo pode mudar, tanto para um lado, quanto para o outro. O trabalho é sempre exaustivo e estressante, tendo prazos para serem cumpridos

“No caso da investigação jornalística, o trabalho é sempre intenso, misto de suor e paciência, mesmo quando a luta cotidiana pela notícia requeira o cumprimento de prazos. Mas corre-se tanto contra o tempo como a favor da verdade, e é nesse equilíbrio que reside o bom resultado de uma investigação. Em alguns casos, a disposição de se fazer uma boa reportagem incorre em uma mudança radical de rotina, principalmente se a empreitada envolver um projeto pessoal de

investigação, ainda que sob vários riscos”. (FORTE, 2005, p61.)

Hunter et al., (2013) aborda que o jornalismo investigativo é cansativo e muitas vezes estressante. Mas seu retorno é muito significativo diante de sua comprovação para o público. A investigação envolve dedicação, investimento, tempo e muitos outros itens que fazem a reportagem ter um significado tanto social como profissional, pois remete a descobrir situações que afetam a população, mas por fim sendo desmascaradas e levadas a julgamento.

2.2 O Jornalismo Investigativo e a ética profissional

Para Sequeira (2005), o jornalismo investigativo começa na concepção da pauta, que pode surgir a partir de fatos inexplicáveis ou curiosos, pistas dadas por informantes ou fontes regulares, leituras, notícias ou da observação direta da realidade. Como segundo passo, é preciso verificar se existem documentos disponíveis ou fontes que possam ser acessadas, se há recursos e tempo e que resultados podem ter a investigação. Em seguida, o repórter deve familiarizar-se com o assunto, por meio da pesquisa e consulta a fontes, e, a partir daí, desenvolver um plano de ação, com custos, métodos de arquivamento e cruzamento de informações. Concluída a etapa de planejamento, o jornalista vai a campo, coleta dados por meio de fontes humanas, documentais e registro fotográficos, revê o material apurado, para que sejam preenchidos os vazios de informação, realiza uma avaliação final, redige, revisa e publica.

Com isso, segundo Chaui (2003), a fotografia torna-se um elemento fundamental para essa área do jornalismo, dado que ela de acordo com Gomes (2009), a fotografia permitiu reproduzir a realidade com níveis de exatidão e objetividade que outras formas até então usadas pelo ser humano para expressar a sua visão sobre o mundo não permitiam. No âmbito artístico, muitos foram os artistas em particular pintores que discordaram da classificação da fotografia como forma de arte, consideravam que ela se reduzia ao produto de um processo químico, sendo a objetividade e fidelidade à realidade elementos perversos da própria arte.

Diante disso, Chaui (2003) descreve que a realização das primeiras fotografias até a oferta de máquinas e acessórios que permitem a qualquer pessoa

registrar tudo ao seu redor, foram descobertos vários avanços e técnicas, mas uma questão fundamental ainda é tema de discussões até os dias atuais: a ética. Continua sendo essencial discutir sobre como uma imagem, seja reproduzida ou vinculada deve ser exibida, levando em consideração questões éticas atreladas a profissão, sem permanecer no terreno da espetacularização.

Para Kossoy (2001) a fotografia oferece o conhecimento de um código visual, transformado e ampliado de acordo com nossos conceitos culturais e de observação, construindo-se dessa forma uma cultura visual, embasada na ética e na estética. O registro fotográfico sinaliza a existência de determinados cenários socioculturais, econômicos e político, podendo refletir esta ou aquela ideologia.

Com isso, é possível entender que a fotografia como instrumento pedagógico para conscientização da realidade na qual vivemos. Para Gomes (2009) com a percepção dos erros e avanços ao longo do tempo, construindo memórias coletivas, herdando da história contemporânea o conturbado modelo de sociedade sem raízes, devido a globalização, que com suas consequências econômicas e socioculturais, dramáticas, podem significar prosperidade plena para alguns e miséria absoluta para outros.

De acordo com Chauai (2003), cumprindo um papel de extrema importância no registro da história. Além disso, também é responsável por levar informações de maneira clara e objetiva para um público muito maior. Possibilitando que notícias e acontecimentos ganhem vida, cor e rostos. Podem ajudar a despertar emoções. E podem, até mesmo, fazer com que a informação alcance parcelas diferentes da população os que não puderam ser alfabetizados, por exemplo, rompe barreiras geográficas e linguísticas.

Um tema delicado em relação a ética na fotojornalismo é a questão da edição de imagem. De acordo com Sousa (2004) as edições são realizadas desde a época do filme 35 mm, com as constantes inovações tecnológicas e ampla oferta de *softwares* de edição de no mercado, esta atividade está se mais complexa, no sentido de que, tem permitido questionamentos diante de tantas possibilidades. Pondo em dúvida quais as informações contidas na imagem seriam realmente verdadeiras.

Souza *et al.* (2013), ainda acrescenta que a manipulação de imagens não é originalmente vinda da era digital, muitos negativos já foram modificados ao longo do tempo. Com a tecnologia digital, a percepção e a comprovação da interferência se

tornam mais complexos, posto que não existia negativos senão os arquivos RAW, que diversos fotógrafos escolhem por não utilizar em razão de demora no processamento da imagem pela câmera optando pelo JPEG.

Jorge Pedro Sousa (2004) em acordo com outros autores, acreditava que a tendência do mercado era transformar a fotojornalismo em uma indústria. De acordo com Sousa (2004), o emprego de imagens chocantes em campanhas publicitárias e/ou autopromoção organizadas por empresas que se utilizam do material fotojornalístico apontavam para este prognóstico. Por outro lado, o que se percebe é a proliferação do uso de *Softwares e Photoshop* mundo a fora.

Nisso, é possível compreender que a manipulação da imagem digital está relacionada, ao segmento do periódico que a veicula. Para Chauí (2003) a questão ética fica menos evidente em revistas de moda ou de "focofocas", por exemplo, no caso de edições científicas e jornalísticas, a problemática é tratada com mais seriedade. Nota-se que a edição é prática comum a atividade jornalística e que esta ação cria novos desdobramentos para as narrativas concebidas. Por meio do processo de seleção de temas, ângulo, referências e personagens.

De acordo com Souza *et al.* (2013) a fotografia da era digital, surgem novos desafios a serem enfrentados para preservação da memória do século XXI, uma vez que as imagens fotografadas em coberturas jornalísticas passam pela edição do fotógrafo e também pela do editor de fotografia, que irá selecionar as imagens que julgar mais adequadas à linha editorial do veículo. Esses editores selecionam poucas fotografias para compor o banco de imagens de seus arquivos, apagando as demais por falta de espaço para armazenamento desse material.

Sousa (2009) acredita que:

Alteração digital de fotografias jornalísticas, que apesar de as novas tecnologias trazerem vantagens incontestáveis no que respeita à qualidade da imagem, à expressividade e à capacidade de se vencer o tempo e o espaço com maior rapidez e comodidade, as questões ligadas à geração e manipulação digital de imagens são talvez das mais relevantes para a fotojornalismo actual, especialmente no que diz respeito à ética e à deontologia profissionais. Inclusivamente, a tecnologia digital da imagem está a ter cada vez maior utilização e é provável que venha a suplantar a fotografia tradicional, coisa que, possivelmente, afectará a nossa percepção do mundo, os processos de geração de sentidos e, portanto, o processo de construção social da realidade.

Para Chauí (2003) mesmo que a crença no vínculo natural da representação fotográfica com a realidade não se sustente diante de uma análise mais crítica, ainda que se considere o potencial simbólico de qualquer tipo de fotografia, é preciso ter em conta que o cidadão comum não está em permanente estado de prontidão para duvidar de qualquer representação que encontre nas páginas dos jornais ou revistas. Muitas vezes o registro fotográfico é percebido pelo leitor como uma representação fiel a uma dada realidade.

Para Chauí (2003) muito se aplica dessa narrativa sobre ética, no jornalismo de forma abrangente, tendo em vista o compromisso com a verdade dos fatos diante da sociedade, fazendo valer essa visão idealista, de apuração, investigação e devolução, de forma ética e conseqüentemente verídica na elaboração de produtos informativos, independe da estrutura a qual está inserido, o importante é a entrega e o seguimento do compromisso para com a sociedade, que é o de informar de maneira imparcial e categórica.

De acordo com Gomes (2009) no "jornalismo informativo" ou no "jornalismo interpretativo", a prática jornalística está ligada à problemática da "veracidade". Não há notícia sobre a qual não se imponha legitimamente uma obrigação de "veracidade". Só é notícia, para o autor, um texto que comporte a pretensão de ser verdadeiro. A verdade e a mentira, nesse sentido, somente podem ser aplicadas aos textos que pretendem dizer algo sobre a realidade. Esse compromisso do jornalismo com a veracidade é assumido perante o público e a sociedade. Não é raro lermos ou ouvirmos slogans como: "'Jornalismo-verdade', 'a verdade doa a quem doer', 'a verdade dos fatos em sua casa'.

Trazer a verdade ao leitor implica em garantir que as notícias não serão distorcidas por má-fé, interesses particulares, falta de informação, inexperiência etc. Segundo Gomes (2009) a verdade, dessa maneira, seria o desvelamento da realidade. A ideia ingênua de desvelamento dos acontecimentos sejam estruturas estáveis, permanentes. O que não corresponde à realidade, já que parte do princípio de que um único olhar sobre um fato seria capaz de contemplá-lo em toda a sua plenitude. Uma informação sobre um fato não é um simples resultado do conhecimento adquirido por meio da percepção. Ao contrário disso, a informação comporta além dos acontecimentos, as experiências, valores, crenças, imaginário e repertório do repórter, somados às normas de linguagem e do gênero que

determinam uma maneira de contar a história. Assim, não há como desvelar a realidade se, sob o véu, há uma série de pontos de vista sobre o mesmo fato

Para Chauí (2003) mesmo conscientes do potencial simbólico de qualquer tipo de fotografia, o espectador comum não está em permanente estado de prontidão para duvidar das fotografias publicadas em jornais ou anúncios, assim como não está devidamente preparado para identificar os traços deixados pelas alterações digitais. Partindo do princípio de que um dos principais objetivos do jornalismo é trazer à sociedade fatos da forma mais verídica possível, não há como negar que a prática jornalística está intimamente ligada à problemática da "credibilidade". A notícia, nesse sentido, deve ser aceitável, seja ela do campo da política, arte, esporte ou ciência. A credibilidade nos fatos, por sua vez, depende da maneira como signos de diferentes naturezas (verbais, visuais e sonoros) materializam-se em textos, títulos, gráficos, ilustrações, fotografias etc.

Nesse contexto, tendo clareza sobre como funciona o jornalismo investigativo e a ética profissional, entende-se que a negação da ética profissional tem diversos reflexos na prática, que vão desde a falta de comprometimento com a apuração, que pode resultar no julgamento antecipado de um inocente, ao relacionamento impróprio com as fontes para a obtenção de uma informação, situação em que muitos jornalistas mentem ou omitem a identidade.

Por isso, uma série de cuidados se faz necessária no desenvolvimento de reportagens de cunho investigativo, caso o repórter não deseje ter problemas judiciais.

RELATÓRIO TÉCNICO

Contextualização do tema:

Povos e comunidades tradicionais distinguem-se do restante da sociedade por possuírem formas de vida e organização cultural próprias. São “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”. A definição encontra-se no decreto federal 6.040/07, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

A referida pesquisa, mostra que os povos e as comunidades tradicionais ainda enfrentam desafios da invisibilidade, do reconhecimento de seus territórios e de direitos, inclusive da falta de reconhecimento da própria sociedade. Há falta de políticas públicas específicas como acesso à saúde e educação e, em muitos casos, as comunidades são hostilizadas por quererem acessar esses direitos.

O Amazonas apresenta, algumas características próprias de estados em desenvolvimento, entre as quais a imensa deficiência no sistema educacional. Na comunidade barreira da missão, como em muitas outras áreas afastadas, encontramos um sistema de ensino defasado, sem incentivo a novas didáticas e que comporta um alto índice de alunos, a estrutura educacional da comunidade, engloba a rede estadual e municipal do local.

O acesso universal aos serviços de saúde, é uma garantia constitucional e uma bandeira de luta dos movimentos sociais. Nos deparamos com saneamento deficitário na comunidade, associado a ocorrência de doenças infecto-parasitárias, principalmente aquelas de transmissão vetorial e de veiculação hídrica, como também de outros agravos de baixa letalidade, mas de alta frequência e transmissibilidade.

A maior dificuldade na realização dessa pesquisa no interior, foi perceber que ela é constituída de percalços e descobertas que produzem várias novas inquietações, e algumas delas podem surpreender o cidadão mais informado da

cidade, como por exemplo, a dificuldade de comunicação via internet ou telefonia com as pessoas e os municípios demais.

Objetivos:

1. Mostrar para a sociedade como vivem os povos afastados, gerando inquietações ao longo das abordagens sobre a realidade a qual vivemos e a dos povos tradicionais, se possível gerar debates acerca do tema abordado.
2. Fazer uma exposição das imagens captadas do projeto, visando expor o produto como parte do nosso currículo e obra com finalidade artística.
3. Investir em conteúdo regional, e levá-lo para a esfera das discussões políticas, como forma de protesto e/ou denúncia.

Público-alvo:

O público alvo da reportagem fotográfica “O cotidiano do produtor rural, representado em uma reportagem fotojornalística: Registro da vida dos povos tradicionais que vivem na comunidade da Missão, em Tefé”, compreende a audiência de acadêmicos e especialistas em cursos superiores e técnicos que estudam o homem no sentido lato, cursos superiores e técnicos que estudam o espaço geográfico onde são estabelecidas as relações humanas e indivíduos que atuam em causas de políticas públicas, políticos, líderes de movimentos sociais e órgãos públicos.

Etapas do desenvolvimento do trabalho:

Pré-produção.

Iniciamos este processo com a decisão e delimitação do tema e formato do projeto, com o tema especificado, delimitado e formatado, iniciamos a pesquisa através da interlocução de moradores e familiares de um componente da equipe, dados esses que foram coletados e somados à pesquisa via internet que pontuam a

modo de vida da comunidade, sua atividade econômica e subsistência como sociedade.

Levantamento de dados logísticos para ida de Manaus a Tefé, levando em consideração custos de: Passagem fluvial, alimentação, estadia e transporte. Criação de cronograma que sinaliza as etapas da produção assim como suas datas limites.

Produção.

Captação de registros fotográficos, na comunidade Barreira da Missão, localizada no município de Tefé, com duração 3 dias. após a captação será feita uma triagem que escolherá as fotografias que estão de acordo com a proposta do trabalho, essas fotos serão impressas em formato de foto livro, de 30 imagens para ser entregue à professora M.e. Leila Ronize.

Tabela 1 Cronograma da relação de data e atividades realizadas.

Cronograma	Out	Nov.	Dez
Pautas	01 A 10		
Pré-Produção	20 A 26		
Desenvolvimento do projeto	27		
Coleta de dados	27/28/29/30		
Entrega do produto		25/11	02/12/2020
Pós-produção			16/12/2020

Informações técnicas:

- Trabalho irá ser desenvolvido com câmeras profissionais Canon T3i, T5i e T7 com lentes 18-55mm, 50mm e 300mm.

- Será utilizado equipamentos de iluminação para ocasiões de ambientes com pouca iluminação.
- Baterias extras, tripés, mochilas/case, cartões Micro SD e materiais necessários para a captação do material.
- Material de limpeza para o equipamento.

Fontes e orçamento:

- Passagens

Cada passagem sairá em média R\$ 600,00 por pessoa de ida e volta em transporte fluvial (lança) para o interior para a captação do material.

- Alimentação

O trabalho irá durar em média uma semana para a captação das fotos. Com café, almoço e janta, por dia irá ser gasto R\$ 50,00 para alimentação.

- Transporte

Dá cidade de Tefé para a comunidade da Missão o traslado é feito a transporte fluvial e sai em torno R\$ 75,00 reais para com ida e volta.

- Equipamentos

Será necessário comprar alguns equipamentos a serem utilizados para melhoria do produto em certos momentos. O custo sairá em média uns R\$ 300,00 por garantia.

- Revelação das fotos

Com o produto já produzido, irá ser necessário a revelação das fotos em tamanho A4 em papel couchê. Cada unidade sairá em média R\$ 10,00, todo no total em média 30 fotos R\$ 300,00.

MEMORIAL DESCRITIVO

Larissa Cavalcante Lima, 23 anos, natural de Manaus-AM, finalista do curso de Jornalismo, chego nesta etapa final da vida acadêmica entusiasmada e confiante em relação a profissão que escolhi. Os últimos tempos foram realmente muito difíceis, um desafio imenso a todos, mesmo assim, acredito que conseguimos enfrentar todas as barreiras necessárias para chegar até aqui. Com um projeto fotográfico voltado para um tema de extrema importância dentro do contexto das discussões sociais. Afirmando que minha colaboração se deu início desde a etapa de escolha na forma como o projeto seria apresentado, que é como reportagem fotográfica, nas pesquisas bibliográficas e de campo, em entrevistas com moradores e na seleção das imagens e colaboração das legendas, até a finalização do produto. Contudo espero ter cumprido meu papel como cidadã e o objetivo principal das atividades de extensão, que é a troca de conhecimentos.

Mônica Mayara Freires da Silva, 28 anos, graduanda de Jornalismo, entusiasta de fotografia e cinema. Através da experiência vivida a partir de projetos fotográficos já realizados, colaborei com o processo de desenvolvimento do projeto, por meios de pesquisas bibliográficas visando humanizar os problemas enfrentados pela Comunidade da Missão através da perspectiva fotojornalística. Por meio deste produto, esperamos dar voz a comunidade, que assim como tantas outras espalhadas pelo interior do Amazonas, sofrem com o esquecimento social e político que é vivenciado pelas minorias, principalmente rurais e ribeirinhas.

Eu, Patrick Mateus Corrêa Baraúna, 23 anos, nascido dia 05/08/1997, finalista do curso de Jornalismo da instituição Fametro, desenvolvi este Trabalho de Conclusão de Curso junto com minhas colegas Mônica Freires e Larissa Lima. Ao decorrer do processo de construção deste produto, colaborei tanto na parte textual, quanto na parte prática do material. Na parte textual, contribuí na construção e produção de alguns capítulos do nosso TCC. E na prática, fui o responsável pela captação das fotos utilizadas em nosso produto, onde fiz uma pequena viagem para o interior do Amazonas para fazer a produção e documentar do cotidiano dos produtores rurais da Comunidade da Missão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se observar a extensão territorial da Amazônia Legal, não se pode negar a diversidade sociocultural que lá ocorre e que abrange os índios, os caboclos, os pescadores artesanais, os remanescentes de comunidades de quilombos, os seringueiros e muitos outros grupos. Esses segmentos sociais têm sido agrupados sob diversas categorias, como “comunidades”, “povos”, “culturas”, que se fazem acompanhar de adjetivos como “tradicionais” ou “autóctones”.

A proposta deste projeto foi investigar e mostrar através de reportagem fotojornalística o cotidiano e a falta de assistência que a comunidade da missão enfrenta até os dias atuais, ao mesmo tempo acompanhar e expor a público, que a comunidade por si, acaba se unindo visando em conjunto melhorias dentre a coleta seletiva dos rejeitos dos moradores, o fornecimento de água potável, transporte seguro, limpeza pública. Além da falta de incentivo as atividades econômicas locais provenientes da agricultura e pesca.

Importante mencionar os ribeirinhos como um conjunto de populações que, apesar das pressões do mundo, ainda mantêm um estilo de vida tradicional baseado na pesca. É comum noticiar a Amazônia com seus rios entremeados de palafitas de madeira (casas construídas sobre troncos ou pilares para evitar que se alguém). A pesca é a principal fonte de proteína dessas populações locais, mais importante ainda do que a caça.

Toda essa diversidade étnica e populacional dialoga com o manejo sustentável para a conservação da biodiversidade. Os povos e comunidades tradicionais da Amazônia em especial da missão encontram na agricultura, pesca e no extrativismo fonte de alimentação e renda. Além disso, alinham a esse modo de vida conhecimentos tradicionais que contribuem para a conservação do bioma e, assim, para a manutenção dos serviços ecossistêmicos. Essas populações domesticaram diversas espécies frutíferas da região o que reforça o potencial dessa atividade para o desenvolvimento sustentável da Amazônia.

Por morarem em áreas mais vulneráveis as mudanças climáticas e ambientais, esses povos tradicionais que também são dependentes dos recursos naturais. São capazes de perceber com maior sensibilidade as mudanças no clima, na produtividade agrícola ou na diminuição de número de espécies de plantas e

animais. Esses conhecimentos minuciosos são fundamentais, já que grandes painéis de debate não conseguem aferi-los.

Ainda assim, são raros as notícias, pesquisas, estudos na área dos povos afastados que mostram a realidade prática dessas contribuições para a sociedade de forma direta, demonstrando a falta de compromisso dos Estados e de seus sistemas internos.

Vimos como os povos e comunidades tradicionais são diversos em sua origem, modos de viver e formas de interação com o território e com o Estado brasileiro. Vimos também que todos eles têm em comum o fato de manterem uma relação equilibrada com o meio ambiente e os recursos naturais. Além disso, aprendemos um pouco sobre os principais instrumentos legais que garantem os seus direitos, no âmbito nacional.

A partir do que foi exposto aqui, pudemos perceber que o Brasil possui uma das mais avançadas legislações de proteção aos direitos humanos dos povos e comunidades tradicionais, amparado por instituições consolidadas dentro da máquina estatal em diferentes esferas de atuação.

Dessa forma é fundamental que neste momento de incertezas e dificuldades, a sociedade civil se mantenha vigilante a fim de preservar os instrumentos legais que garantem a possibilidade de efetivação desses direitos, pois sem eles será ainda mais difícil conseguir dos governantes a sua realização concreta e a tranquilidade para aquelas comunidades que garantem a existência da rica socio diversidade brasileira.

Cabe, então, a todos nós se sensibilizar com a longa história de injustiças que esses povos têm sido vítimas e lutar para que esses direitos internacionalmente reconhecidos e ratificados pelo mundo inteiro sejam respeitados.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Cláudio. A regra do jogo: O jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo: **Companhia das letras**, 1988.

AVANCINI, Atílio. A imagem fotográfica do cotidiano: significado e informação no jornalismo. **Brazilian journalism research**, v. 7, n. 1, p. 50-68, 2011.

BERGER, John. Para entender uma fotografia. **Editora Companhia das Letras**, 2017.

BORGES, Marília Dammski; ARANHA, José Marcelo; SABINO, José. A fotografia de natureza como instrumento para educação ambiental. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 16, n. 1, p. 149-161, 2010.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. Fotografia e Jornalismo: da prata ao pixel—discussões sobre o real. **Líbero**, n. 20, p. 103-111, 2016.

BUITONI, Dulcília. Fotografia e jornalismo. **A informação pela imagem. São Paulo: Saraiva**, 2011.

CAMPANHOLI, Julie AM. Fotografia e educação: o uso da fotografia na prática docente. **Revista Primus Vitam**, v. 16, 2014.

CANABARRO, Ivo SantoS. Fotografia e História: questões teóricas e metodológicas. **Visualidades**, v. 13, n. 1, 2015.

CANTINHO, Maria João. Da fotografia e dos seus efeitos. **Revista Trama Interdisciplinar**, v. 3, n. 1, 2012.

CASTRO PANIZZA, Andrea; FONSECA, Fernanda Padovesi. Técnicas de interpretação visual de imagens. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, n. 30, p. 30-43, 2011.

CERDEIRA, João Carlos Antunes. **A fotografia na construção da memória de um lugar: desenho, corpo e paisagem**. 2017. Dissertação de Mestrado.

CHAUI, M. **A existência ética. Cadernos de Formação: Pedagogia Cidadã - Ética e Cidadania**, São Paulo: UNESPPró-reitoria de graduação, 2003.

CIAVATTA, Maria. O mundo do trabalho em imagens: memória, história e fotografia. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 12, n. 1, p. 33-45, 2012.

CHISTOFALLETTI, Rogerio. **Ética no Jornalismo. São Paulo: Contexto**, 2008.

CORREIA, José Mário; SZYMANIAK, Włodzimierz Jozef. A MEMÓRIA VISUAL DA FOTOGRAFIA COMO FONTE DE CONHECIMENTO. I **Encontro Internacional de Reflexão e Investigação**, p. 133, 2013.

COSTA, Ivan Andrey Farias; DE AQUINO, Agda Patrícia Pontes. Manipulação na fotografia: Uma discussão entre memória real e irreal. 2014.

DE CARVALHO, Fabio Moreira. O papel do fotojornalismo na compreensão do gênero textual reportagem. **Revista Sítio Novo**, v. 4, n. 2, p. 62-72, 2020.

DUBOIS, Phillippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Tradução de Marina Appenzeller. **Campinas-SP: Ed. Papirus**, 14^o ed. 2011.

EDER Chiodetto. (2008). **FOTOJORNALISMO** realidade construídas e ficções documentais. FABRIS, Annateresa. Discutindo a imagem fotográfica. **Domínios da imagem**, v. 1, n. 1, p. 31-41, 2014.

FABRIS, Annateresa (org.) – Fotografia: Usos e Funções no século XIX -**editora USP**.1991

FARIA, Nivia Giacomini Fontoura. **Fotografia digital de feridas: desenvolvimento e avaliação de curso online para enfermeiros**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FELICIANO, Luiz Antonio; DA FONSECA PINNA, Aline. O fotojornalismo entre profissionais e amadores: algumas leituras. **Cadernos UniFOA**, v. 11, n. 30, p. 5767, 2016.

FORTE, Leandro. Jornalismo investigativo. São Paulo, **Contexto**, 2005.

FINOL, David Enrique; DE NERY, Dobrila Djukich; FINOL, José Enrique. Fotografia e identidad social: Retrato, foto carné y tarjeta de visita. **Quórum Académico**, v. 9, n. 1, p. 30-51, 2012.

FOSTER, Lila. Picture ahead: a Kodak e a construção do turista-fotógrafo. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 44, n. 48, p. 230-237, 2017.

GARCIA, Camila Lopes: **Coleções de imagens flutuantes: Álbuns fotográficos digitais on line**.2010.

GOMES, W. (2009). **Jornalismo, fatos e interesses: Ensaio de teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular.

GUARDA, Israel; SERRA, Filomena. Para uma história do século ilustrado. In: **Conferência Internacional História do Jornalismo em Portugal**. 2019.

GUILLOBEL, Heloisa Carneiro; DO CARMO MOES, Artur Pedro; DE FREITAS, Antonio Carlos. Uma retrospectiva histórica do desenvolvimento da fotografia desde seus primórdios até o final do século XIX. *Revista de Fotografia Científica Ambiental*, v. 2, n. 1, p. 7-22, 2018.

HUNTER, Mark Lee., *et al.* A investigação a partir de histórias um manual para jornalistas investigativos. **UNESCO**, 2013.

JUCHEM, Marcelo. Linguagem fotográfica: uma possibilidade de leitura de fotografias. *Linguagens-Revista de Letras, Artes e Comunicação*, v. 3, n. 3, p. 325-347, 2010.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. Summus Editorial, 2014.

KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: **Ateliê Editorial**, 2001.

KUBRUSLY, Claudio Araujo. O que é fotografia. **Brasiliense**, 2017.

LEITÃO, Juliana Andrade; SANTOS, Maria Salett Tauk. Imagem jornalística e representações sociais: a imagem dos Sertões. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 35, n. 1, p. 133-155, 2012.

LISSOVSKY, Maurício. Rastros na paisagem: a fotografia e a proveniência dos lugares//Traces in the landscape: photography and the provenance of places. **Contemporânea**, v. 9, n. 2, p. 281-300, 2011.

LOHMANN, Renata; BARROS, ATMP. A objetividade no Fotorjornalismo. In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul-Chapecó. 2012.

MAIA, Andréa Karinne Albuquerque. O momento decisivo no fotojornalismo atual: a importância da méis na atuação do fotógrafo. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 14, n. 33, 2013.

MACHADO, Andre Wilson. O que há de novo em fotografia digital?. **Dental Press Journal of Orthodontics**, v. 15, n. 2, p. 20-23, 2010.

MANSUR, Douglas Amparo. **O Futuro da documentação fotográfica na era digital**. In: **I Encontro Paulista de Professores de Jornalismo, Universidade de Sorocaba, São Paulo, organizado pelo FNPJ – Fórum Nacional de Professores de Jornalismo**, 2005.

MAUAD, A.; LOPES, Marcos Felipe Brum. História e fotografia. Cardoso, F. Vainfas, R.(Orgs.). *Novo Domínios da História*. Rio de Janeiro: **Elsevier**, p. 263-281, 2011.

MONTEIRO, Charles. História e Fotorjornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. **Revista Tempo e Argumento**, v. 8, n. 17, p. 64-89, 2016.

MONTEIRO, Charles. Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes. **EdiPUCRS**, 2012.

OLIVEIRA, Cristiane de(2015). **Fotojornalismo Contemporâneo: Análise da cobertura fotográfica da Mídia NINJA sobre os protestos de junho de 2013**.

PERPÉTUO, César Hauelsen Zimerer. A CRIAÇÃO DA AMERICAN HISTORICAL ASSOCIATION E O DESENVOLVIMENTO DA HISTORIOGRAFIA AMERICANA. **Anais dos Encontros Internacionais UFES/PARIS-EST**, 2015.

PINTO, Tânia Oliveira Teixeira. Os olhos do mundo: a força da imagem no jornalismo do século XXI. **Revista Linceu On-Line**, v. 1, n. 1, 2010.

PROENÇA, CAIO DE CARVALHO. Fotografias do fotojornalismo no Brasil dos anos 1970: aproximações e distanciamentos temáticos em Veja, IstoÉ, Time e Newsweek. **XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis, 2015.

RAMALHO, José. Escola de fotografia: O guia básico-da técnica à estética. **Elsevier Brasil**, 2013.

REIS, Luzo Vinicius Pedroso; PEREIRA, Fábio Henrique. O Fotojornalista no Ato Social de Produção de Notícias. **ILUMINURAS**, v. 21, n. 52, 2020.

SILVA, Sergio Luiz Pereira. A fotografia e o processo de construção social da memória. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 3, p. 228-231, 2011.

SILVEIRA, Jane Rita Caetano. A imagem: interpretação e comunicação. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 5, p. 113-128, 2010.

SMITH, Ian Haydn. Breve historia da fotografia: Um guia de bolso dos principais gêneros, obras temas e técnicas. Tradução: Edson Furmankiewicz. **SP: Gustavo Gili**, 2018.

SONEGO, Márcio Jesus Ferreira. A fotografia como fonte histórica. **Historiæ**, v. 1, n. 2, p. 113-120, 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. Estatuto e expressividade da fotografia jornalística: um ensaio. **Biblioteca online de ciências da comunicação**, 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. (2004). Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental, **Chapécó, Argos**, Florianópolis. Letras Contemporâneas.

SOUZA, Wagner *et al.* Gadgets fotográficos: a imagem como informação na cultura digital. **Revista Comunicação Midiática**, v. 8, n. 2, p. 202-214, 2013.

VELASCO, Nina *et al.* Fotografia de família e memória: deslocamentos da arte contemporânea. **Discursos Fotográficos**, v. 7, n. 11, p. 137-155, 2011.

VENUTO, Rafael Giovanni; GUIDOTTI, Flávia Garcia. O banal e o prosaico no fotojornalismo contra-hegemônico. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 17, n. 1, p. 205-216, 2020.

GLOSSÁRIO